

mas, revelações de factos conservados secretos da sua biografia, faltam-nos dados acerca de Melanie Klein. Isto devido certamente ao facto de muitas das pessoas que com ela privaram ainda estarem vivas. Podemos no entanto arriscar algumas suposições, com fundamento nos factos que nos são acessíveis.

O seu interesse pela infância foi provavelmente devido às provações e lutos sofridos sucessivamente em épocas particularmente sensíveis do seu crescimento. A longa análise didáctica efectuada primeiro com Ferenczi e depois com Abraham, deve-lhe ter despertado a atenção para a riqueza e precocidade da gama de sentimentos que a criança atravessa. A posição depressiva por ela descrita terá sido uma experiência sentida profundamente na sua própria evolução. A depressão infantil que podemos supor em Klein estaria ligada à noção que a própria agressão teria provocado onnipotentemente a doença ou morte de pessoas queridas. Ou perante a situação de abandono que deve ter sentido com essas mortes terá autolimitado a sua agressividade, sentida como daninha. Apesar de objecto de muita frustração, nunca Klein reagiu com violência.

Tendo conhecido pessoalmente Klein, nos Congressos de Psicanálise e mais de perto em outras ocasiões, o que mais me impressionava nela era a combinação de grande afabilidade e bom humor com uma concentração bastante exclusiva sobre os assuntos relativos às suas investigações. Tudo o que dizia denotava pouca preocupação com uma vontade de transmitir um ensinamento ou um método. Antes evidenciava a riqueza da sua visão interior, mas sem inquietações em traduzir essa visão interior de modo acessível a todos. Num dos seus últimos ensaios "Acercas do Sentimento de Solidão" (1962) ela comenta: «embora possa ser muito gratificante, mais tarde na vida, exprimir os nossos pensamentos e sentimentos a uma pessoa que nos compreenda, continua a existir em nós uma aspiração a uma compreensão sem palavras». Esta aspiração é identificada por ela como resultado de um desejo de reencontrar

um estado interno, perfeito e inatingível, de comunhão com o bom objecto.

Portanto na minha interpretação a depressão sofrida na infância, pela impossibilidade de possuir de modo completo os seus bons objectos — por exemplo uma mãe que não estivesse demasiado preocupada com a saúde dos restantes filhos e talvez do marido — terá induzido nela um refúgio num mundo interno, em que lhe era possível realizar uma integração que a vida não lhe permitira alcançar, integração dos impulsos de amor e agressividade. Sem culpabilidades excessivas, seria então capaz de viver uma luta com os irmãos (Anna Freud e outros), para alcançar a posse da mãe não-angustiada (a teoria analítica), merecendo em última instância a aprovação do pai (Freud) de quem finalmente se teria sentido a verdadeira sucessora.

RESUMO

Em relação com a publicação recente em Inglaterra das Obras Completas de Melanie Klein, em quatro volumes, faz-se uma breve resenha da sua vida, personalidade e das principais orientações presentes na sua obra.

RESUMÉ

En rapport avec la publication récente en Angleterre des Oeuvres Complètes de Melanie Klein, en quatre volumes, on dresse un bref tableau de sa vie, de sa personnalité et des traits principaux de son oeuvre.

SUMMARY

In connection with the recent publishing of The Writings of Melanie Klein, in four volumes, some brief notes are presented on her life and personality and on the main trends of her work.

REFERÊNCIAS

KLEIN, M. (1975) — *The Writings of Melanie Klein*, The Hogarth Press and The Institute of Psycho-Analysis, London.

Volume I *Love, Guilt and Reparation and Other Works (1921-1945)*; Volume II *The Psycho-Analysis of Children*; Volume III *Envy and Gratitude and Other Works (1946-1963)*; Volume IV *Narrative of a Child Analysis, The Conduct of the Psycho-Analysis of Children as seen in the Treatment of a Ten-year-old Boy*.

A noção de objecto e os primeiros meses de vida da criança

MARIA ISOLINA PINTO BORGES *

«... A nossa perspectiva da realidade é condicionada pela nossa posição no espaço e no tempo, e não pela personalidade como geralmente se crê. Assim, cada interpretação da realidade se baseia sobre uma posição única. Dois passos para leste ou para oeste e o quadro muda inteiramente...»

«... a estranha criatura que nos tinha deixado crer ser capaz de unir-nos ao corpo do Universo consegue efectivamente separar-nos dele totalmente. O amor une, antes de separar. Se assim não fosse como podíamos nós crescer?...»

De Pursewarden, uma personagem de Lawrence Durrell — *Quarteto de Alexandria* 2

INTRODUÇÃO

A noção de objecto na metapsicologia freudiana é de dimensões que podemos considerar retroactivas e projectivas, e implica a teoria das pulsões, ou antes, a pulsão propriamente dita; a dinâmica implícita nesta concepção toma forma e de certo modo define-se no desenrolar da situação simbiose-objecto-relação. Queremos dizer que o objecto adquire progressivamente proporções diferenciadas na medida em que, sendo correlativo das pulsões para cuja satisfação tende, acompanha uma perspectiva genética no evoluir da relação objecto parcial à relação objectal.

Desde o universo adualístico da criança até ao estágio objectal definitivamente ultrapassa-

* Psicóloga. Assistente do Curso Superior de Psicologia, Universidade do Porto.

do, segundo Spitz, pela angústia do oitavo mês e já definível por condutas bem determinadas, estão implícitas noções que, como refere Pierre Greco, constituem a arquitectura de um sistema fundamentalmente caracterizado pela sua coerência interna. No entanto, o estatuto epistemológico dessas noções é muitas vezes posto em causa.

No que se refere à *Théorie génétique de l'affectivité* (Greco, 1967), na qual baseamos estas asserções, os estádios ora são delimitados biologicamente (e, segundo os neofreudianos, por contextos sócio-culturais) ora constituem estruturas na medida em que a cada estágio corresponde uma forma de organização típica da personalidade. Se é certo que aqui se pode encontrar matéria vasta de discussão epistemológica, parece-nos particularmente frutuoso manter-se na perspectiva psicanalítica, ainda que por vezes fundidas, as duas linhas: determinação biológica sócio-cultural e estágio consequente psicologicamente organizado.

Entretanto, mesmo na maior parte dos tratadistas de tendência genética em psicologia, encontramos explícita a dificuldade inultrapassável entre a noção de objecto (objecto relação parcial-objecto relação total) e a noção de objecto permanente localizada na perspectiva espaço-temporal-causal proposta por Piaget,

pressuposto base, segundo este autor, de todo o desenvolvimento intelectual.

O objecto em sentido freudiano acima referido ganha as suas raízes na relação da criança como um ser humano apto a comunicar, com tudo o que a comunicação comporta, e aparentemente pouco tem a ver com os elementos não-vivos concretamente localizados no espaço e no tempo que, mercê da dialéctica estímulo-resposta, na teoria de Piaget, vão permitir à criança situar-se relativamente a seres inanimados palpáveis que, como estímulos, constituem a base do desenvolvimento intelectual. Na perspectiva freudiana estes «objectos» apenas adquirirão significação objectal quando simbolizáveis; o objecto ... «não deve evocar a noção de coisa, de objecto inanimado e manipulável tal como este se contrapõe às noções de ser animado ou de pessoa.» (Laplanche e Pontalis, 1967.)

1.ª PARTE

O estudo dos pontos de convergência das perspectivas freudianas, neofreudianas e piagetiana, estudo que indiscutivelmente se impõe, encontra fundamentalmente barreiras metodológicas e de terminologia. Não está em questão o objectivo a atingir, que é afinal o conhecimento dos comportamentos humanos individuais e de grupo, qualquer que seja a abordagem.

Na verdade, à medida que nos debruçamos sobre as duas perspectivas, os possíveis pontos de convergência são «ressentidos» como reais pontos complementares sugerindo tentativa de integração. Pensemos, por exemplo, nas condutas da função simbólica segundo Piaget (1.ª fase do período pré-operatório situando-se aproximadamente entre os 2 e os 5 anos) e na presença latente do conflito edípiano em todas essas condutas. Fica-nos, sobretudo, a impressão de que muito há a dizer sobre essa função simbólica e que algo falta de sistematizado quanto a fundamentos de base, se é que essa sistematização é possível quando se trata do conflito edípiano. Possivelmente só a integração dos dois planos resultará de modo satisfatório quer

quanto a conteúdo, quer quanto a fundamentação.

De qualquer modo, no período pré-operatório, a linguagem da perspectiva de Piaget não esgota as possibilidades de vivência do Édipo pelo facto desta ser inesgotável e de momento a experimentação ou mesmo a observação directa não «parecem» suficientes para a abordar. É como se o conflito edípiano funcionasse como pano de fundo subjacente às condutas necessárias ao desenvolvimento intelectual.

Num projecto ideal, a análise exaustiva de sucessivos níveis integrativos (Freud e Piaget) desde o nascimento até à adolescência só passará certamente de plano ideal na próxima ou próximas gerações.

Entretanto essa dificuldade não nos impede de abordar um ponto base, já linearmente referido nas noções de objecto, em que os componentes das duas perspectivas estão simultaneamente presentes e adquirem para nós, certamente não por acaso, particular importância.

Assim, da perspectiva piagetiana destacamos a permanência do objecto, ponto culminante da fase sensorio-motora, e na linha freudiana, mantendo a preocupação de ir à génese, debruçamo-nos sobre a teoria de Melanie Klein no que se refere à transição da simbiose com o seio materno e consequente clivagem, para o estabelecimento da relação criança-mãe-criança.

Em trabalho realizado com a participação de alguns alunos de Psicologia foi-nos possível a observação de algumas crianças de um grupo previsto de 150, entre os 5 e os 22 meses de idade, no sentido de se observar a organização da permanência do objecto segundo Piaget. No entanto, antes de delimitarmos esta observação, parece-nos de interesse destacar os pontos de reflexão que constituíram a base daquela.

Não sendo, segundo Piaget, a noção de objecto físico inata, mas construindo-se a partir da actividade reflexa em função da interacção estímulo-capacidade organizante-resposta, verifica-se que a capacidade que a criança adquiriu de identificar objectos mobilizáveis como elementos independentes de si, se organiza durante

o período sensorio-motor. Sendo os dois primeiros estádios (até aos quatro meses e meio) caracterizados por quadros móveis e inconsistentes, eles ganham «situação» progressiva de uma maneira marcada até aos 8-9 meses de idade. No entanto, ainda nesse estádio (3.º), a criança reage apenas pelo choro ao desaparecimento do objecto concreto percebido, sem tentativa de o encontrar. No quarto estádio (8-9 meses aos 11-12 meses) é já observada a busca do objecto desaparecido, mas não o seguimento dos deslocamentos. Isto verifica-se quando escondemos o objecto A à direita da criança, que o procura e o encontra; em seguida, à vista dela deslocando e escondendo o objecto em B, a criança vai procurá-lo em A, como se a posição do objecto dependesse das acções anteriormente bem sucedidas.

Durante o quinto estádio, até por volta dos 18 meses, este objecto delimitado no espaço em função de regulações sucessivas de ritmo, surge como substância individual permanente; todavia a criança não considera ainda as mudanças de posição que se operam fora do campo de percepção directa. Só na fase final deste período se esboça já a organização do grupo prático dos deslocamentos (16 a 18 meses).

Pelo sexto estádio, até aos 24 meses, encontramos êxitos numa série organizada de interferências que levam a combinações significativas. Por exemplo, erguer uma almofada sob a qual a criança pressupõe um objecto desejado, e erguer e encontrar debaixo dela uma outra cobertura imprevista que é também rapidamente retirada.

Pensando que estes dados podem vir a ser úteis num estudo com crianças portuguesas e na intenção imediata de documentar este pequeno trabalho, passamos a apresentar os seguintes elementos:

1. Observação de 15 crianças de um infan-tário (anexo a um local de trabalho estatal) de idades entre os 5 e os 22 meses:

a) Descrição fundamentada das provas utilizadas;

b) Organização de uma ficha de observação comportando um exemplar com a descrição do caso. Na medida em que a descrição de cada caso desencadeia uma série de hipóteses não isentas de ressonâncias alheias à teoria de Piaget (até porque o objecto utilizado para crianças de 5-6 meses é o biberão, e a reacção de choro apresenta as variantes mais diversas) pareceu-nos de algum interesse apresentar um protótipo dos casos observados.

DESCRIÇÃO DAS PROVAS

1.ª PROVA

Material — *Uma toalha; um boneco que atraia a atenção da criança (por exemplo: um pato).*

Método — 1) *Mostra-se à criança o objecto e deixamos que ela lhe pegue.* 2) *Em seguida retiramos o objecto das suas mãos e colocamos por cima uma toalha, mas deixando que a cabeça do boneco permaneça à vista da criança.*

2.ª PROVA

Material — *Idêntico ao utilizado na 1.ª prova.*

Método — 1) *O mesmo que na 1.ª prova.* 2) *Retiramos o objecto das mãos da criança e escondemo-lo debaixo da toalha, mas desta vez sem deixar nada de fora.*

3.ª PROVA

Material — *Um boneco que atraia a atenção da criança, uma toalha A e um travesseiro B.*

Método — 1) *Mostra-se o objecto à criança e deixamos que ela lhe pegue.* 2) *Retiramos o objecto à criança e colocamo-lo debaixo da toalha A (a criança procura o boneco e encontra-o).* 3) *À vista da criança retiramos-lhe de novo o objecto e colocamo-lo debaixo do travesseiro B.*

4.ª PROVA

Material — *Uma toalha, uma almofada e um objecto de pequenas dimensões (a fim de caber numa mão fechada).*

Método — 1) *Colocamos o objecto na nossa mão e colocamos a mão debaixo da almofada, onde largamos o objecto, sem a criança ver.* 2) *Retiramos a mão, fechada, da almofada e colocamo-la sob a toalha.* 3) *Mostra-se a mão fechada à criança.*

RAZÃO DE SER DAS PROVAS

As provas que organizámos para as observações longitudinais acerca da permanência do objecto são baseadas em observação de Jean Piaget com os seus três filhos, e registadas no seu trabalho *A Construção do Real na Criança*.

Ao grande número de observações aí descritas, resolvemos extrair estas quatro pela sua simplicidade e por representarem as diversas fases por que passa a noção de objecto.

1.ª PROVA

A primeira prova destina-se a verificar se a criança procura ou não o objecto desaparecido frente aos seus olhos.

Segundo as observações de Piaget a procura não acontece (numa prova do género) antes do terceiro estágio da fase sensorio-motora.

2.ª PROVA

Esta prova destina-se a observar se a criança já procura o objecto desaparecido.

O objecto, desta vez, é inteiramente coberto pela toalha.

Tal procura não deve acontecer antes dos 8-9 meses.

3.ª PROVA

Destina-se esta prova a verificar se a criança já fez a coordenação das sucessivas desloca-

ções, operadas dentro do seu campo visual. Esta atitude não deverá acontecer antes dos 12 meses.

Achamos que o comportamento satisfatório relativamente a esta prova assinala a constituição do objecto como substância individual permanente.

4.ª PROVA

Esta última prova limita-se a verificar se há uma coordenação das sucessivas deslocações operadas fora do «campo visual da criança». É uma etapa fundamental na aquisição definitiva do que pode considerar-se o ponto de partida para a operatividade; por sua vez, esta implica a reversibilidade do pensamento e a invariância, que se vão exprimir a partir dos 6-7 anos de idade através de noções básicas.

Definindo Piaget a inteligência como transformadora do real, tal capacidade transformadora só é atingida quando se organizam as estruturas pelas quais os sucessivos objectos de conhecimento são assimilados. Por outro lado nesta assimilação estão implícitos pontos de referência, ou invariantes, ou esquemas de conservação, que constituem uma espécie de pontos-suporte relativamente aos quais toda a reversibilidade é referenciada. É neste sentido que o «grupo prático de deslocamentos» concretizando a permanência ou interiorização do objecto constitui uma pré-figuração das futuras noções adquiridas, quer se limitem ao concreto (dos 6-7 aos 10-11 anos), quer atinjam posteriormente o plano lógico.

CONCLUSÕES

Foi grande a nossa admiração ao encontrar uma criança de perto de 10 meses a fazer a busca activa do objecto atendendo às suas sucessivas deslocações. Não contávamos encontrar este tipo de comportamento antes do primeiro ano de I.C.

É de notar que fizemos três ensaios da mesma prova para verificar da interferência do acaso, mas nos três ensaios a criança reage correctamente. Salvo posteriores observações sobre esta mesma criança que possam vir a negar a nossa, consideramos que ela tem já adquirida a noção de objecto como substância individual e permanente.

Da análise destas provas muito haveria a referir no domínio exclusivo da permanência do objecto. Não sendo de momento essa a nossa intenção salientamos apenas que, sem razões somáticas justificativas, 5 das 15 crianças observadas apresentaram comportamentos discrepantes relativamente aos respectivos estádios.

2.ª PARTE

Se a integração das duas perspectivas consideradas de momento não é possível, será de certo interesse localizarmos o que pode ser destacado no desenvolvimento psicológico do primeiro ano de vida em diferentes momentos do tempo.

A abordagem de Melanie Klein neste contexto levou-nos ao trabalho de Susan Isaacs¹ — referindo a teoria kleiniana na constituição da maturação e desenvolvimento objectal a partir da vida fantasmática da criança. Entramos noutra mundo terminológico: não temos «estádios» mas «posições»; não encontramos prioridade metodológica mas «casos» e interpretação psicanalítica da actividade lúdica; expressões tais como «paranóide esquizóide» ganham dimensão genética e perdem, até certo ponto, a tonalidade patológica; nada é simples nos pressupostos

¹ Cit. por Victor Smirnoff (1974), referenciado a 1943.

kleinianos cada vez mais postos em causa mas também mais necessários a nível explicativo. Aqui, o fantasma é a expressão mental da pulsão, um dado imediato da experiência vivida: «Os primeiros fantasmas nascem pois das pulsões corporais e estão estreitamente ligados às sensações físicas e aos afectos. Expressam primitivamente uma realidade interna e subjectiva; entretanto, desde o princípio, estão ligados a uma verdadeira experiência da realidade objectiva, por muito limitada e estreita que seja.»² Quer dizer, as primeiras vivências fantasmáticas não podem ser desligadas das primeiras experiências sensoriais que são as relações estabelecidas com o seio materno, traduzindo-se assim as primeiras impressões pela relação entre a vivência emocional e a vivência experimentada em termos somáticos.

Sendo o fantasma a linguagem pela qual se exprimem as pulsões não são excluídas as percepções externas como elementos fundamentais de processos psíquicos precoces. Como refere Jean Begoin, estão em interacção com a realidade externa; desta interacção decorre toda uma evolução organizativa desde as formas mais primitivas às mais evoluídas. Assim, a projecção e a introjecção kleinianas (precoces) são reguladas na medida em que os estímulos externos se organizam sensorialmente e satisfazem ou frustram.

Em suma, enquanto que os «quadros móveis» de Piaget se mantêm móveis nos dois primeiros estádios, até pelo menos 4 meses e meio, a criança kleiniana passa do objecto parcial, ultrapassando a «posição paranóide-esquizóide», ao objecto total, cuja organização se esboça a partir dos primeiros meses de vida; nesta passagem a criança não só se situa relativamente ao corpo da mãe (já não se trata do seio comum; as mãos, o rosto e olhos da mãe são da mãe), como organiza progressivamente a integração do «bom seio» e do «mau seio», preparando-se para diferenciar o agradável do desagradável.

² Isaacs, *ib.*

FICHA DE OBSERVAÇÃO

Nome

Sexo Idade (A) 9 (M) 28 (D) Peso Altura

Profissão do pai Profissão da mãe

Data da observação: 13/4/78 Hora da observ.

Notas de interesse

TIPOS DE COMPORTAMENTO	1.ª PROVA	3.ª PROVA
		Procura o objecto sem dificuldade.
	2.ª PROVA	4.ª PROVA
	Levanta rapidamente a toalha encontrando o objecto.	Não reage a esta 4.ª prova.

Hanna Segal precisa esta passagem distinguindo aquilo a que chama as «equações simbólicas» dos verdadeiros símbolos (Segal, 1957). A equação simbólica não substitui o objecto (característica clássica do símbolo) dado o domínio da identificação projectiva, mecanismo abrangendo os três primeiros meses e incompatível com a diferenciação sujeito-objecto. O símbolo propriamente dito só aparece na posição depressiva, em que a mãe se impõe à criança como um todo distinto dela; para que o símbolo se verifique é necessário que tenha sido ressentida a perda e consequente luto da mãe-seio inicial. Este luto e a culpabilidade inerente vão manter-se em conflito constante e permitir a dialéctica entre as pulsões destruidoras e tendências reparadoras do Eu.

W. R. Bion, tratando da génese do pensamento (Bion, 1964), diz que não sendo a experiência concreta do recém-nascido directamente transformável em pensamento, deverão ser distintas as impressões sensoriais brutas, elementos B, coisas em si, (presentes na posição paranoide-esquizóide?) da actividade mental em que a coisa em si é substituída pelo símbolo.

Entretanto, relativamente a estes tipos de abordagem do desenvolvimento da criança nos primeiros meses, levantam-se-nos as seguintes questões:

Se só no quarto estágio da fase sensorial-motora, descrita por Piaget, se regista uma busca do objecto físico desaparecido (9-12 meses) os investimentos globais anteriores presentes na capacidade de experimentar angústia, de utilizar mecanismos de defesa e de formar relações de objecto, com implicações na capacidade simbólica, não terão nenhum papel a desempenhar na organização da permanência do objecto de Piaget? Do ponto de vista epistemológico, dada a ausência de experiência sistematizada com essa intenção, podemos pelo menos afirmar que nas «posições» kleinianas há um mundo infinito de variáveis latentes a detectar. O facto de serem latentes documenta a sua complexidade. Se essa mesma complexidade não for considerada, parece-nos que a permanência

do objecto piagetiana, apesar da exactidão experimental, resulta lacunar. Senão vejamos:

Atingirá a criança a referida «permanência» sem a possibilidade de organizar as defesas (clivagem, idealização, denegação, controlo onipotente, em suma, identificação projectiva) da posição paranoide-esquizóide?

Definindo Piaget a Psicologia Genética como estudo do crescimento mental e considerando a permanência do objecto como alavanca dos futuros esquemas de conservação, poderemos deixar de nos interrogar se, uma vez constituídos o Ego e o Super Ego em função daquelas defesas, não será por isso que a criança surge apta a dialogar com a frustração de que é exemplo a reacção ao desaparecimento de um objecto do seu interesse?

Tentemos então concluir: a anterioridade da estrutura mental, tal como nos é descrita e analisada por Melanie Klein (que, evidentemente, dada a importância atribuída às experiências sensoriais, não exclui a maturação neurofisiológica implícita), não será condição necessária para que os estádios sensorio-motores possam ser descritos com a aparente clareza e simplicidade que uma metodologia correcta lhe conferem?

Resta-nos sugerir algo que é ainda uma interrogação imensa: como, quando (e se) será possível utilizar a metodologia necessária às primeiras variáveis latentes das ligações infantis?

RESUMO

A integração do modelo psicanalítico e do modelo piagetiano constitui uma das preocupações da psicologia dos nossos dias. Neste trabalho, considerando a perspectiva genética daqueles dois modelos, sugerem-se pontos de aproximação no desenvolvimento da primeira etapa da fase oral tal como a concebe Melanie Klein e na organização dos estádios da fase sensorio-motora descritos por Piaget.

RÉSUMÉ

L'intégration des modèles psychanalytiques et piagetiens est une des préoccupations de la psychologie de nos jours. Dans ce travail et en

considérant la perspective génétique de ces deux modèles, on suggère les points de convergence du développement de la première étape de la phase orale telle qu'elle est conçue par Melanie Klein et dans l'organisation des stades de la phase sensorio-motrice décrits par Piaget.

SUMMARY

The integration of both the psychoanalytic and the piagetian models is one of the concerns of modern psychology. Considering the genetic perspective of both these models, we point out in this essay some converging points that can be found both in the development of the first stage of the oral phase such as it is conceived by Melanie Klein and in the organization of the various stages of the sensorial phase described by Piaget.

REFERÊNCIAS

- AJURIAGUERRA, Julian (1971) — *Manuel de Psychiatrie de l'Enfant*, Masson & Cie., Paris.
 BION, W. R. (1964) — «Théorie de la Pensée», *Rev. Fr. de Psych.*, n.º 1.
 FREUD, Sigmund (1905) — *Trois essais sur la théorie de la sexualité*, Gallimard, Paris, 1962.
 FREUD, Sigmund (1916) — *Introduction à la Psychanalyse*, Payot, Paris.

- FREUD, Sigmund (1917) — «Deuil et Melancholie», in *Métopsiologie*, Gallimard, Paris, 1969.
 GRECO, Pierre (1967) — «Epistemologie de la Psychologie», in Piaget (ed.) *Logique et Connaissance Scientifique*, Gallimard, Paris.
 ISAACS, Susan (1929) — «Privation and Guilt», *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. x.
 JONES, Ernest (1923) — «The Theory of Symbolism», *Papers on Psycho-Analysis*, Londres.
 KLEIN, Melanie (1929) — «Personification in the play of Children», *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. x.
 KLEIN, Melanie (1975) — *La Psychanalyse des Enfants*, P.U.F., Paris.
 LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J. B. (1971) — *Vocabulário da Psicanálise*, Moraes Ed., Lisboa.
 PIAGET, Jean (1968) — *La Formation du Symbole chez l'Enfant*, Delachaux & Niestlé, Neuchâtel.
 PIAGET, Jean (1975) — *A Construção do Real na Criança*, Zahar Editores, Rio de Janeiro.
 PIAGET, Jean (1975) — *O Nascimento da Inteligência na Criança*, Zahar Editores, Rio de Janeiro.
 SEGAL, Hanna (1957) — «Notes sur la Formation du Symbole», *Int. J. of Psychology*, vol. xxxvii n.º 6 [trad. de F. Guignard].
 SEGAL, Hanna (1975) — *Introduction à l'Oeuvre de Melanie Klein*, P.U.F., Paris.
 SMIRNOFF, Victor (1974) — *La psychanalyse de l'enfant*, P.U.F., Paris.
 SPITZ, R. (1976) — *De la naissance à la parole*, P.U.F., Paris.
 VURPILOT, E. (1976) — *The Visual World of the Child*, George Allen & Unwin, Ltd., Londres.